**TEMAS**

**TEORIA E PRÁTICA DO PSIQUIATRA**

**Temas São Paulo v. 35 n. 68-69 p.1-134 Jan/Dez 2005**

**ISSN 0100-2406**

**SUMÁRIO/CONTENTS**

**Doença mental e perda de liberdade / Mental illness and lost of freedom**

**Carol SONENREICH, Giordano ESTEVÃO, Luiz de Moraes Altenfelder**

**SILVA Fo ....................................................................................................1**

**Por que a Psicopatologia ? / Why Psychopathology?**

**Maria Lúcia BALTAZAR .......................................................................27**

**Quando a realidade flutua e a verdade se dissolve – um relato de**

**caso / When reality floats and the truth dissolves – a case report**

**Luciana Lorens BRAGA, Maria Lúcia BALTAZAR .............................42**

**O psiquiatra do terceiro milênio / The third millenium psychiatrist**

**Diva REALE ...........................................................................................53**

**Philippe Pinel, vida e obra / Philippe Pinel, life and work**

**Guido A. PALOMBA ..............................................................................67**

**PHILIPPE PINEL, VIDA E OBRA**

Guido Arturo PALOMBA\*

Psiquiatra forense da Academia de Medicina de São Paulo e da Academia Paulista de História

Temas, 2005, 68-69 : 67-72 miolo.indd Sec1:67 07.03.2006 18:05:15

Guido Arturo PALOMBA 68 p. 459). miolo.indd Sec1:68 07.03.2006 18:05:15

Philippe Pinel, vida e obra 69

RESUMO

PHILIPPE PINEL (1745-1826), médico francês, foi introdutor da função médica no hospício, ao libertar das correntes os loucos de Bicêtre. O autor mostra um pouco de sua vida e de sua obra, os prêmios que concorrera, a freqüência aos salões de Madame Helvetius, os Ideólogos, dos quais era um dos membros, seus discípulos, seus métodos de tratamento, o amigo JEAN BAPTISTE PUSSIN (1746- 1811), o precursor da reforma. Mostra, também, que PINEL foi o criador da Residência Médica.

UNITERMOS: Philippe Pinel, Ideólogos, Residência Médica, Jean Baptiste Pussin.

SUMMARY

It was the French doctor PHILIPPE PINEL (1745-1826) who introduced medical practice into hospices, when he released the insane in the Bicêtre asylum from their chains. The author shows a little of his life and works, the prizes that he competed for, his frequenting of the salons of Madame Helvetius and the Ideologues (which he was a member of), his disciples, his treatment methods and his friend JEAN BAPTISTE PUSSIN (1746-1811), the implementer of his reforms. It also shows that PINEL was the creator of Medical Residence.

KEYWORDS: Philippe Pinel, Ideologues, Medical Residence, Jean Baptiste Pussin

Dentro da Psiquiatria, PHILIPPE PINEL, que curiosamente foi médico de Napoleão Bonaparte (Szekely, 1958, p. 449), tem lugar de destaque na galeria dos grandes de todos os tempos. Uns aí entraram pelo brilhantismo teórico; outros, pelas idéias luminosas; outros ainda, pela descoberta de uma síndrome, mas foi Pinel que fi cou para a história como o introdutor da função médica, esculapiana, nas alienações mentais, ao libertar os loucos de suas correntes, às quais viviam aprisionados.

Tudo começou em Bicêtre (que passou a fazer parte do Hospital Geral de Paris em 1660), quando PINEL (1745-1826), em 25 de agosto de 1793, assume as suas funções no hospício, tornando o local uma casa de tratamento, não mais um depósito pétreo de horror e de temor.

O primeiro doente mental a ser desacorrentado foi um capitão inglês, tido como louco furioso, que estava acorrentado em Bicêtre havia quarenta anos. O segundo, Chavingé, o bêbado com delírio de grandeza; o quinto, um eclesiástico, delirante agudo, místico, que tinha sido expulso da Igreja por se julgar o próprio Cristo, e estava acorrentado desde a sua entrada, em 1782. Foram liberta dos doze alienados, no primeiro lote. Depois, ao todo, oitenta. (Esquirol, 1838, p. 535).

Esse mesmo tipo de compreensão dos loucos, na mesma época, também existia na Inglaterra, no Retiro de York, um hospício (novo) dirigido pelo quacre SAMUEL TUKE (1732-1822), que não era médico (comerciante de chá), e imprimiu uma visão de liberdade na maneira de ver o alienado.

As estruturas físicas do novel asilo não obedeciam, pela primeira vez na história, aos padrões das velhas instituições, pois parecia ser uma grande fazenda rústica, “sem barras de ferro ou grade nas janelas” (Foucault, 1978, \*

Quanto ao Velho Betlehem (antigo mosteiro de Santa Maria de Belém, que virou asilo em 1547), coloquialmente chamado de Bedlan, levou um tempo para assimilar as mudanças.

Na Itália, ao mesmo tempo em que PINEL fazia a reforma, VICENZO CHIARUGI (1759-1820), diretor do hospital Boni fácio, na Toscana, libertava os loucos. Alguns anos depois, em 1813, quando as idéias de PINEL e a fama de Bicêtre corriam o mundo, o rei de Nápoles (JOAQUIM) promulgou uma lei que mandava reformar o asilo de Aversa, em cujo local havia um sino que marcava, com diferentes toques, desde a madrugada até a hora de dormir, as atividades diárias do manicômio (“sino de Aversa”).

PHILIPPE PINEL nasceu no seio de uma família modesta de cirurgiões no sudoeste da França, foi educado para ser padre. Saiu de casa e foi para Toulouse estudar ciência, onde conseguiu obter o doutoramento, em 1773.

Completou os seus estudos com leituras clássicas, por meio de textos médicos científicos em Montpellier, dedicando-se, aí, aos assuntos inerentes à natureza humana, embora mantivesse grande interesse pelas mate máticas (Weiner, 1980, p. 6). Apresentou vários trabalhos na Academia de Ciências de Montpellier.

Nessa cidade, durante quatro anos, freqüentou regularmente as aulas públicas da Faculdade, a biblioteca, fez visitas diárias ao hospital, onde deixou anotações sobre a história de pacientes internados. À época dedicava-se ao estudo dos clássicos, modernos e antigos. Continuou o mesmo tipo de atividade em Paris e pode-se dizer que, em 1793, PINEL era uma das mentes mais ilustres daquela época de grandes produções intelectuais. (Weiner, 1980, p. 7).

PINEL concorreu várias vezes aos prêmios oferecidos pela Real Sociedade de Medicina da França (que na época já não era mais socie dade real) e ao Prêmio Diert. Nunca ganhou. Em 1784 o júri deste Prêmio concluiu assim: “O sr. Pinel tem poucos conhecimentos. É fraco em anatomia. Em fi siologia, embora melhor, seu trabalho não é notável assim como em cirurgia, tanto na parte teórica quanto prática. Conhece pouca química e um pouco mais de medicina e farmácia. Tem noções adequadas sobre patologia geral mas não sabe lidar objetivamente com assuntos relacionados”. (Paris, Faculté de médicine. Commentaires de 1777 à 1786. p. 1136-1137). Mais de duzentos anos depois é difícil julgar a opinião do júri, pois é preciso considerar que PINEL era extremamente tímido, não era bom orador, certamente não se saíra bem nas provas orais, e é difícil imaginar que tinha poucos conhecimentos básicos de medicina.

Interessante notar que em 1793, quando já gozava de fama entre os seus pares, época em que iniciava a revolução na maneira de encarar o doente mental, PINEL concorrera ao Prêmio da Sociedade de Medicina, que,neste ano, não premiou as obras concorrentes, pois, para a Sociedade, os competidores não apresentaram nada de novo. O trabalho de PINEL foi apreciado por três juízes do concurso: doutores CAILLE, COQUÉREAU e THOURET. Por outro lado, registra-se que PINEL, um ano antes, recebera a prix d’encouragement, honorable mention (menção honrosa), pelo manuscrito sob o seguinte título: Indique a melhor maneira de tratar pacientes cujas mentes se desequilibram antes da senilidade. Esse trabalho foi lido na Sociedade, em 28 de setembro de 1792 (segundo o livro de minutas).

Em 1784 PINEL freqüentava os salões de Madame Helvetius, em Auteuil, no qual médicos e outros discípulos do abade CONDILLAC (1715- 1780) reuniam-se desde 1780 até o final de 1790. PINEL foi introduzido neste grupo por GEORGES CABANIS (1757-1808). É de notar que CABANIS enfatizava a relação do corpo com a alma, publicando, em 1802, o livro Relação entre a natureza física e moral do homem. É possível que o marquês de CONDORCET (1743-1794), cunhado de CABANIS, partilhasse essas idéias. Outro visitante do salão era BENJAMIN FRANKLIN, que tentou levar PINEL para a América, não logrando êxito pelo alto senso de responsabilidade patriótica de que PINEL era dotado.

Suas convicções científicas, filosóficas e políticas o levaram a unir-se ao destacado grupo de intelectuais franceses conhecidos como Ideologues (Ideólogos).

Especificamente na área da medicina, esse grupo sentia-se atraído por uma maneira pluridimensional e revolucionária, à época, de ver o paciente, considerando os aspectos físicos, mentais e sociais como um todo.

Essa concepção acabou gerando, na década de 1790, a grande reforma psiquiátrica, e pode-se dizer que ela é totalmente fruto da expressão mais alta das concepções dos Ideólogos.

O grupo entendia, entre outras, que não deveria haver distinção entre médicos clínicos e cirurgiões, preconizava uma mesma educação para ambos, e igual currículo para todas as escolas de medicina de França. Preconizava ainda o exercício da prática médica como ponto importantíssimo no aprendizado; que o médico, obrigatoriamente, deveria ter conhecimentocompleto das drogas, alimentação; que era preciso ter com os pacientes cuidados sanitários, higiênicos e suporte moral.

PINEL também pode ser tido como um dos precursores da Residência Médica, uma vez que propunha a divisão dos grandes hospitais em enfermarias, nas quais os médicos seriam treinados, antevendo a formação de especialista, “que trabalharia em tempo integral como chefe de residência do hospital e devotaria os seus esforços para treinar grupo especial de alunos (...) o chefe de clínica presidiria uma sociedade de pesquisa e publicaria um jornal”. (Pinel, 1980). Aos professores desses médicos em formação, para PINEL, o ideal é que abrissem mão do lucro da prática da medicina: a recompensa seria a satisfação de reinar a geração jovem e promissora e a possibilidade de ter novos conhecimentos.

A integração do ensino da clínica prática no currículo das escolas de medicina Que PINEL e seus aliados advogavam tornou-se realidade legal, na França, com o Decreto de 4 de dezembro de 1794. Entre os alunos que PINEL treinou, merecem menção CHARLES SCHWILGUÉ (1774-1808), AUGUSTIN LANDRÉ-BEAUVAIS (1772-1840), JEAN ETIENNE ESQUIROL (1772-1840), FRANÇOIS LEURET (1797-1851). Esse último, mais tarde, escreveu: “Os estudantes procuravam Pinel por duas qualidades especiais: sua percepção clínica precisa e sua grande clareza como professor. Quando discutia uma doença parecia ler no livro da natureza”. (Busquet, 1928, p. 184).

PIERRE BAILLY, também aluno de PINEL, disse informalmente em 1802: “M. Pinel é único, ele não consegue dizer duas palavras sem um soluço e cura os seus pacientes como qualquer outro o faria, só que prestou um excelente serviço à medicina, treinando tantos médicos, tão bons (...) as expressões em sua face encolhida ensinaram-me mais do que suas palavras.

Reconheço que ele fez de mim um médico, entretanto não sei dizer ao certo como foi: mas na cabeceira dos doentes me ensinou a reconhecer os principais sintomas de cada doença e relacioná-los ao gênero e espécie em seu quadro nosográfico”. (Bailly, 1924, p. 52).

O ensino para PINEL, ao lado de sua aguçada visão clínica, sempre foi marcante em sua vida. Chegou a chefi ar a cadeira de Higiene e Física Médica em 1794, na recém-criada Escola de Saúde de Paris.Embora PINEL e os seus confrades Ideólogos procurassem mudar o que estava estabelecido e serem ávidos por inovações, freqüentemente voltavam a HIPOCRATES, que entendia a doen ça como um fenômeno natural no contexto de outras forças naturais, considerando o meio ambiente do paciente, a sua ocupação, seu histórico, incluindo, em suma, não apenas a saúde, mas também a natureza.

Seria influência das vivências infantis, quando costumava caminhar dez milhas,de sua casa até a escola, pelas montanhas e campos da cidade onde nascera?

PINEL dizia-se influenciado por SIR FRANCIS BACON, por D’ALEMBERT e por WILLIAM CULLEN, cuja obra traduziu. Sua formação humanística, voltada para a adequação do homem ao seu meio ambiente, levou-o à concepção de que para ser um bom médico era preciso muito mais auxiliar o doente a adequar-se à natureza e ao meio social do que intervir com drogas pesadas. (É preciso lembrar que o arsenal farmacêutico à época era pequeno). PINEL também condenava as sangrias e a miscelânea de remédios. Para ele o paciente hospitalizado era uma pessoa que tinha sido arrancada de seu ambiente natural e, portanto, por melhor que fosse tratado, sempre havia o desconfortável.

A limpeza, a higiene pessoal, quartos particulares, cadeiras cômodas, horas livres para visitas, passeios e exercícios eram indispensáveis para o restabelecimento do equilíbrio físico-mental. De 1784 a 1790 PINEL publicou, na Gazette de la Santé, uma série de artigos intitulados Hygiene, que pretendia compilar em forma de tratado. Nesses escritos, considerava a tradição galênica e seus seis tópicos importantes para o equilíbrio da saúde: ar, alimentação, funções corporais, exercícios, sono, controle das paixões.

Admite-se que PINEL tenha se inclinado para a psiquiatria após 1784, quando um seu amigo íntimo de quem cuidava, após uma severa depressão, suicidou-se, o que teria levado PINEL a inclinar-se para a medicina mental.

Quando nomeado para Bicêtre, no outono de 1793, PINEL já era grande conhecedor dessa arte, talvez uma das maiores autoridades de seu tempo. Interessante notar que a revolução que causara em Bicêtre, desacorrentando os loucos que lá se encontravam, foi por influência direta de JEAN BAPTISTE PUSSIN (1746-1811), que, apesar de não ser médico, lá estava a cuidar dos loucos. PINEL, várias vezes, expressou o seu agradecimento a PUSSIN, reverenciando-o pelo talento e como pessoa que lhe ensinara a cuidar dos doentes mentais.

Em verdade, quem de fato tirou as correntes dos alienados mentais foi PUSSIN (PINEL era o diretor do hospício), consoante recente descoberta do Observation of M. Pussin on the insane. Trazido à luz por DORA WEINER, explica o método de PUSSIN em detalhes: “Pussin tratava os doentes mentais com carinho, insistia que seus assistentes não os maltratassem nem batessem e sistematicamente despedia as enfermeiras que o desobedeciam. Foi ele que libertou os loucos das correntes de Bicêtre, em junho de 1797 e passou a usar camisas de força para pacientes violentos e não controláveis”. (Weiner, 1980, p. 12).

PHILIPPE PINEL escreveu uma obra clássica da psiquiatria: Traité médico-philosophique sur l’aliénation mental, em 1801, reeditado em 1809 (“entierement refondue et três augmentée”). (Pinel, 1809).

A fama de PINEL corria o mundo, e por onde passava, deixava a sua marca irreversível: os loucos já não eram mais aquelas figuras abomináveis e temidas dantanho, mas sim doentes mentais a necessitar de tratamento médico. (Palomba 2003, p.16). PINEL é reconhecido como o primeiro a escrever histórias de casos “simpáticos e eloqüentes, retratando o doente mental como homens e mulheres desafortunados, merecendo respeito e compaixão”. (Stone, 1999, p.69).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bailly PB. Souvenir d’ une élève des Ecoles de Santé de Strasbourg et de Paris, pendant la révolution. Strasbourg: Strasbourg Medical, 1924, p. 52.

Busquet P. Les biografies medicales. Paris: Bailliere, 1928, p. 184.

Esquirol JE. Des maladies mentales. Bruxelas: Tircher, 1838, p. 535.

Foucault M. História da loucura. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 459.

Palomba GA. Tratado de psiquiatria forense civil e penal. São Paulo: Atheneu Editora São Paulo, 2003, p.16.

Paris, Faculté de médicine. Commentaires de 1777 à 1786. Paris: Steinheil, 1906, v. 2, p. 1136-1137.

Pinel Ph. Memoire sur cette question proposée pour sujet d’ un prix par la Société de Médicine: determine quelle est la meilleure manière d’enseigner la médicine pratique dans un hôpital. Baltimore: Johns

Hopkins University Press (The clinical training of doctors), 1980.

Pinel Ph. Traité médico-philosophique sur l’alienation mentale. Paris: Brosson, 2ª edição, 1809.

Stone MH. A cura da mente. Porto Alegre: ARTMED, 1999, p. 69.

Szekely L. Dicionário enciclopédico de la psique. Buenos Aires: Claridad,1958, p. 449.

Weiner DB. Introdutory essay of Philippe Pinel: the clinical training of doctors.Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1980, p. 6. Weiner DB. Ibidem, p. 7. Weiner DB. Ibidem, p. 12.